A VOZ QUE ECOA ATRAVÉS DA ESCRITA INDÍGENA

Catharie Brandão de Souza
PPGLE/UFCG
catharieprofessoraprotugues@gmal.com

José Hélder Pinheiro Alves
PPGLE/UFCG
jose.helder@professor.ufcg.edu.br

Introdução

De acordo com Bortulucce (2021, p. 6), "entende-se atualmente o manifesto como um gênero textual, de caráter persuasivo, que se propõe a declarar publicamente princípios específicos, chamando a atenção do público, incitando à ação e alertando para a necessidade de realização de algum tipo de mudança". Desse modo, quando falamos em um texto de manifesto, estamos dizendo que ele tem a função de impactar o leitor sobre determinada situação da sociedade que precisa ser discutido e analisado imediatamente, tomando as devidas precauções para uma mudança efetiva:

> Manifestos são instrumentos cruciais nesta luta porque, devido à sua posição ambígua em um espaço entre o domínio criativo (eles são emitidos pelos seus próprios produtores) [...] em outras palavras, a função formativa dos manifestos cumpre-se em dois níveis. Primeiro, eles servem para diferenciar o campo da produção cultural de outros domínios sociais, e legitimar sua autonomia. Segundo, no campo restrito de produção artística, eles servem para articular a identidade dos vários grupos de indivíduos que, ou por assinar o manifesto ou assumindo o nome que ele propõe, afirmam de forma explícita sua fidelidade a ele, e o agregam ao campo simbólico associado com os seus nomes (e, por sua vez, partilham o capital simbólico do grupo). SOMIGLI, 2003 apud Bertolucce, 2015, p. 11).

Segundo Puchner (2006 apud Bortulucce 2015, p. 8), "os manifestos invadem as obras de arte e são, por sua vez, absorvidos e assimilados por elas. O resultado é aquilo que chamo de "manifesto-arte", uma arte formulada na imagem do manifesto: sonora ao invés de reticente; coletiva ao invés de individual", uma dessas artes que trazem em sua interioridade o manifesto são os poemas indígenas, que buscam através da escrita expor as situações de sofrimento, luta e resistência dos povos originários.

Um poema pode ter diversas funções a partir da intencionalidade do escritor, mas com certeza um dos motivos pelos quais um poema é escrito é para tocar e sensibilizar o leitor diante da temática expressa através dele. Desse modo, quando pensamos nos poemas indígenas lembramos que eles são de extrema importância para o desenvolvimento da literatura indígena, isso porque, ressaltam a valorização da cultura, valores, costumes e cotidiano indígena. Dorrico (2018), afirma que existe um duplo movimento utilizado a partir destas escritas como uma ferramenta militante.

> Os escritores indígenas utilizam esta ferramenta para expressar suas matérias atuando em um duplo movimento, o da valorização da

> alteridade e do diálogo intercultural, como estratégia consciente para uma crítica da estrutura simbólica dominante, bem como de ativismo, de militância e de engajamento na esfera pública acerca da questão indígena. (Dorrico, 2018, p. 229).

Portanto, o poema apresenta uma construção por trás do texto que está ligada a um contexto social e histórico, ecoando a sua voz em uma resistência simbólica em um lugar de protagonismo, que reivindica seus direitos territoriais, o direito de exercer seus costumes e vivenciar a sua ancestralidade, indo do sujeito individual ao coletivo de um povo, além disso, a voz do indígena através da escrita é essencial para desconstruir a visão preconceituosa pelos não-indígenas e denunciar os maus-tratos sofridos por eles ao longo do tempo e ainda na contemporaneidade.

Segundo Graúna (2013, p. 44), "Na história da literatura brasileira, o preconceito literário contra os povos indígenas tem alimentado o interesse de gerações e gerações da sociedade dominante", escritas sobre os indígenas escritas pelos não-indígenas ajudam a alimentar um conhecimento abstrato sobre os verdadeiros costumes e cultura dos indígenas, uma vez que não são escritos por eles, por isso é tão importante dia após dia novas vozes de indígenas através da escrita literária, já que de acordo com Graúna (2013, p. 46-47) "o estudo da representação do negro e do índio na literatura requer uma abordagem específica [...] pois o ato de conhecer o outro implica o ato de interiorizar a história, a auto história, as nossas raízes".

> Essas novas vozes, portanto, têm a função de enunciar suas pertenças ancestrais de modo criativo e, nessa esteira, desconstruir noções sedimentadas que se conservam no imaginário popular sobre elas, marcadas por um viés fortemente negativo e preconceituoso. Denunciam, além disso, práticas de violência física e simbólica perpetradas historicamente contra os povos indígenas (Dorrico, 2018, p. 231)

Uma dessas vozes é a da autora Marcia Kambeba, cantora, atriz, professora, geógrafa e escritora militante, apresenta em muitos dos seus poemas o manifesto, elencando a visibilidade dos povos originários, a luta das comunidades indígenas para ter paz em suas vivências, ter os seus direitos garantidos e seus costumes assim como sua cultura assegurados, seja na aldeia ou na cidade.

Sendo assim, nosso objetivo com esta comunicação é analisar dois poemas da autora Marcia Kambeba: "Pra que serve a cultura indígena?" e "Margaridas", mostrando a importância da construção cultural indígena para afirmação e legitimação do seu povo, através da resistência por meio da escrita e enaltecer a arte poética da autora na luta pelos direitos das mulheres indígenas. Desse modo, também enfatizar a valorização da cultura e melhores condições de vida para o povo Kambeba.

Nossa metodologia trata-se de uma análise interpretativa dos dois poemas, amparados, teoricamente, por Dorrico (2018), ao ponderar sobre autoria indígena, Graúna (2013), ao tratar da produção literária indígena no Brasil e Potiguara (2019), expor sobre a história das mulheres indígenas. Esperamos assim, elencar a importância da manifestação por meio da poesia para o desvelamento dos direitos dos povos originários e proteção da floresta, bem como, fortalecer o debate sobre o manifesto de alerta e de denúncia sobre invisibilização da cultura e luta necessária das mulheres de várias etnias.

O manifesto na poesia indígena de Marcia Kambeba

Marcia Kambeba, é uma autora indígena que cresceu na Aldeia Ticuna em Belém dos Solimões (Amazonas), nasceu em 1979 e lá viveu por 8 anos, em seguida mudou-se para São Paulo de Olivença, onde concluiu o ensino médio. Em seguida graduou-se em geografia, em 2010 ingressou no mestrado e hoje está no doutorado. Mas se engana quem pensa que esta trajetória foi fácil, pois o preconceito estava em todo lugar que ela frequentava a começar da própria universidade.

Contudo, esse caminho percorrido na academia foi muito importante para a autora, pois ajudou ela a ter um conhecimento que poderia usar em prol da coletividade do seu povo, unindo aos conhecimentos ancestrais que a mesma possui. Através dos seus conhecimentos se tornou ouvidora geral do Belém do Pará e assim, conseguia dá um retorno de melhoria para as comunidades indígenas.

Os poemas da autora começaram a ser feitos aos 14 anos, mas foi após a defesa de mestrado que começou a falar sobre os direitos dos indígenas, neste momento começou os poemas de manifesto que tratam sobre a identidade indígena, reafirmam a luta dos seus ancestrais e do povo Kambeba, enaltece a importância de resistir e a opressão do colonizador, a exploração física, emocional e sexual. Nos poemas da autora encontramos abundantemente a temática da natureza, dos saberes ancestrais, território, identidade, memória, cultura do seu povo e de manifesto.

Em entrevista à revista Acrobrata: literatura, artes visuais e outros desequilíbrios, ela fala um pouco sobre essa resistência por meio da escrita:

> Ser mulher Omágua e estar na literatura é desafiador. Escrever memórias, narrativas contadas pelos mais velhos na maioria dos avós, é tarefa das mais sublimes porque marca em mim a identidade que carrego. Precisamos informar, ecoar, marcar o lugar do saber em nós, compreendendo que somos parte integrante de uma nação. E precisamos de mais e mais parentes escrevendo. A arte que os povos fazem na cidade nas várias linguagens é um ativismo. Aplausos são bons, mas, a visibilidade tem que ser da causa, da luta e poucos na cidade entenderão a nossa luta por esse olhar. Por isso nos rotulam de artistas indígenas, até somos, mas gostamos mesmo de ser ativistas indígenas. (Kambeba, 2020).

Os livros da Marcia Kambeba normalmente apresentam um caráter pedagógico, esse aspecto da sua escrita é importantíssimo para a propagação da literatura indígena porque apresenta um viés educativo, facilitando o compartilhamento da cultura, costumes e crenças desta cultura com os não-indígenas, principalmente na sala de aula. Um dos seus livros que é considerado relevante para a sala de aula é *O Lugar do Saber Ancestral*, este livro é subdivido por temática, sendo mais esclarecedor e direto, em suas escritas um dos capítulos se chama Poemas Manifesto, é deste capítulo que escolhemos os poemas que serão abordados aqui neste trabalho.

Análise dos Poemas
Margaridas: uma flor, uma cor, uma história
Margaridas

Força, garra, coragem, leveza

É bendita, filha da natureza
De teu seio sai o leite
Que alimenta e faz viver.

No teu colo, o acalanto
É luz, encanto
Desencantou o bolo
Apaixonado ao luar.

Tens a altivez de uma samaumeira
Espalhando sabedoria
Feito flores ao ar
Memória viva, deusa, águia
Sedutora no olhar.

Que teu grito, tua dor
Eleve a *Nhanderu* a oração do amor
Juntas negras, indígenas, brancas, mestiças
Unam as mãos pela vida das mulheres
Que morreram nesse chão.

Pelo sangue das Marielles
Que ofuscaram sua cor.
Salve as mulheres!
Margaridas, violetas, rosas em flor.

O poema "Margaridas" de Marcia Kambeba é uma homenagem a algumas mulheres que morreram lutando pelos direitos de todas as mulheres. Inicialmente o poema apresenta as características destas e de outra que resistiram a opressão e terminaram executadas por sua petulância de lutar por seus direitos como qualquer cidadão. Kambeba (2020, p. 95), "Força, garra, coragem, leveza", em seguida faz uma comparação entre a mulher a natureza no aspecto de gestação e alimento de um povo: Kambeba (2020, p. 95), "é bendita, filha da natureza, do teu seio sai o leite, que alimenta e faz viver". A mulher alimenta o seu bebê com o leite do seu seio que dá a resistência que a criança precisa para sobreviver, na medida que ela fala sobre a mulher percebemos que a natureza também é a mãe que dá os alimentos para sobrevivermos e por isso a mulher é tão importante quanto a natureza para a nossa sobrevivência e mesmo que ela não diga explicitamente que a mulher é como a natureza conseguimos fazer essa relação na imagem criada a partir da construção da mulher.

A nossa conclusão sobre essa comparação acontece também através do que vem na próxima estrofe. Enquanto ela diz: Kambeba (2020, p. 95), "no teu colo, o acalanto é luz, encanto", sabemos que se trata da mulher, mas então, ela apresenta um mito que se volta para a natureza: Kambeba (2020, p. 95), "Desencantou o boto apaixonado ao luar. Tens a altivez de uma samaumeira espalhando sabedoria feito flores ao ar. Memória viva, deusa, águia sedutora no olhar". O boto faz parte da mitologia indígena e durante a noite se transforma em um lindo homem, que faz as mulheres se apaixonar e se entregar a ele, fazendo mais uma vez a relação de pessoa e natureza.

Ainda assim, ela vai dizer que estas mulheres são dignas da nobreza como uma árvore milenar, samaumeira, que pode alcançar 90 metros de altura, é considerada a árvore mãe da floresta e suas raízes são tão imponentes que podem proteger pessoas e

animais da chuva, abriga-las do sol com uma estrutura tão larga que são precisos em torno de 30 pessoas para abraçar a árvore. E diz que é uma memória viva, deusa águia, assim como esta árvore que vive milhares de anos a mulher carrega consigo os conhecimentos ancestrais e a sedução em seu olhar. Na terceira estrofe, a autora se volta para a mulher e enfatiza as diversas mulheres que lutam por seus direitos: Kambeba (2020, p. 95), "juntas negras, indígenas, brancas, mestiças". Pede ao seu Deus que escute o grito ecoante dessas mulheres: Kambeba (2020, p. 95), "que teu grito, tua dor, eleve a Nhanderu a oração do amor" e ao final da estrofe destaca a importância de todas se reunirem por aquelas que morreram lutando no chão que hoje elas pisam. É notável o quanto a mulher é enaltecida em sua resistência aos obstáculos impostos pela sociedade preconceituosa que elas precisam enfrentar.

No quarto e último parágrafo, encontramos uma referência dessas mulheres que resistiram até o final de suas vidas, a autora chama de Marielles. Marielle Franco era uma mulher negra, que se formou em socióloga e foi elegida como vereadora do Rio de Janeiro, esta mulher lutava pelos direitos das mulheres negras e no dia 14 de março de 2018, foi assassinada brutalmente em um atentado que tirou sua vida e a do seu motorista, devastando milhares de vidas. Quando a autora fala Marielles no plural, ela indica que não foi só ela, mas diversas mulheres que lutaram assim e foram assassinadas.

Existe uma referência muito importante que é destacada no título e no final "Margaridas", este nome faz referência a uma mulher que foi e é muito importante para as mulheres indígenas, quilombolas, rurais entre outras. De acordo com Motta (2020), Margarida Maria Alves, um símbolo de coragem e garra para as mulheres, era presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba e em 12 de agosto de 1983 foi assassinada na porta de sua casa, a partir do falecimento dela milhares de mulheres levantaram para lutar umas pelas outras, assim como as Marilles que após a morte da Marielle, continuaram sua luta.

Segundo o *Sindicato dos Professores no Distrito Federal* (2011), "Marcha das Margaridas é a maior mobilização de mulheres trabalhadoras do campo e da floresta", que apresenta um objetivo em comum a todas as mulheres:

> Mostrar a toda a sociedade brasileira a luta das mulheres para a superação das desigualdades de gênero e por um novo processo de desenvolvimento rural voltado para a sustentabilidade da vida humana e do meio ambiente. Lutamos ainda para termos o reconhecimento da contribuição econômica, política e social das mulheres e para denunciar e protestar contra a fome, a pobreza e todas as formas de violência, exploração, discriminação e dominação. Também propomos e apresentamos políticas públicas para as mulheres do campo, da floresta e da cidade. (Sindicato dos Professores do Distrito Federal, 2011).

Á vista disto, o poema do título ao final é uma homenagem as mulheres guerreiras, que enfrentam os perigos para que outras mulheres possam ter os direitos que lhes foram negados pela sociedade, seja Marielles ou Margaridas, do campo ou da cidade, indígenas, branca, negra ou mestiça, todas as mulheres devem buscar os seus direitos sociais para uma vida mais justa e igualitária em todas as partes do Brasil e do mundo.No final do poema a autora apresenta vários tipos de flores: Kambeba (2020, p. 95), "Margaridas, violetas, rosas em flor", mostrando que assim como existem vários

tipos de flores, existem mulheres de todas as raças e etnias que podem se juntar por uma única causa.

Um poema que deve ser lembrado: Pra que serve a cultura indígena?

vida nasce da fecundação
E renasce em cada olhar
Renasce em cada sonho
Nas entrelinhas escritas do caminhar.

A cultura é rememorada
Construída no entrelaçar das mãos.

No conhecimento de gerações
Guardados na alma e no coração.

Na cultura indígena
que é rica e sagrada
Encontra-se a beleza
Que o branco cobiçou
Na luta por muitas vidas
O preconceito é opressor.

Conhecer a cultura do outro
É respeitar sua vivência
Conhecer a sua dor.

Nossa cultura vem de gerações
E é família
Não se prostitui e é espiritualizada
Não quer maldade
Traz na alma o ser irmão
E no peito a multiculturalidade.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para que possa renascer e florir
Para que as nações
Possam ter razoes para resistir.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para que dessa concepção
Venha nascer Kurumins e Kunhantãs
Com a força dos muiraquitãs.

E nessa relação de amor e desejo
Possa ter mais compreensão
Pela vida, pelo outro, pela cultura
Com humanidade é o que desejo.

“Pra que serve a cultura indígena?”
Para gerar o amanhã que almejo
Gestando amor, paz, nesse mundo que vejo.



"Pra que serve a cultura indígena?"

Um dos poemas mais importantes do capítulo "poemas manifesto" é "Pra que Serve a Cultura Indígena"? Já que é uma temática muito relevante para os não-indígenas conhecerem um pouco sobre os povos originários. Formado por 10 estrofes, fala sobre os renascimentos dos indígenas ao passar dos anos, sobrevivendo ao estereótipo, a exploração e a dizimação e que a cultura do indígena é passada oralmente pelos mais velhos de suas comunidades, segundo a autora: Kambeba (2020, p. 92), "a cultura é rememorada construída no entrelaçar das mãos no conhecimento de gerações guardados na alma e no coração".

Logo, um dos motivos da existência da cultura indígena é ser a base do conhecimento para as novas gerações dos povos originários, e isso volta a se concretizar na oitava e nona estrofe: Kambeba (2020, p. 93), "pra que serve a cultura indígena? Para que dessa concepção venham nascer Kurumins e Kunhatãns com a força dos muiraquitãs e nessa relação de amor e desejo possa ter mais compreensão pela vida pelo outro pela cultura com humanidade é o que desejo". Quando a autora fala Kurumins, se refere a meninas e Kunhatãns meninos, que eles ao nascer tenham acesso a esta cultura e possam crescer com a força dos muiraquitãs.

Muiraquitã é um nome que vem da mitologia com histórias de características parecidas, mas fontes diferentes, de acordo com Jaime (2019) "Lenda do Muiraquitã faz parte do conjunto de lendas envolvendo a existência mítica de mulheres guerreiras, vivendo separadamente dos homens, na região do Baixo Amazonas [..] o local deste mítico País das Pedras Verdes", visto de uma outra forma pelo Portal Amazonas.

> A lenda afirma que o muiraquitã era oferecido como presente pelas guerreiras Icamiabas (que significa "mulheres sem marido") aos homens que visitavam anualmente a sua taba, na região do Rio Nhamundá. Uma vez por ano, durante a festa dedicada à lua, as Icamiabas recebiam os guerreiros Guacaris, com os quais se acasalavam como se fossem seus maridos. À meia-noite, elas mergulhavam nos rios e traziam às mãos um barro verde, ao qual davam formas variadas: de sapo, tartaruga e outros animais, e presenteavam seus amados. Os objetos eram, então, enfiados em tranças de cabelos das noivas, e usados como amuleto pelos guerreiros. (Portal Amazonas, 2021)

Sendo assim, tanto um mito quanto o outro retratam sobre a força da mulher, a escolha, e a sabedoria, para a autora, essas crianças que irão nascer devem ter acesso a esse conhecimento para saber que possuem a força, a garra e a coragem dos seus ancestrais e podem fazer suas próprias escolhas, lutar contra os empecilhos encontrados seja na aldeia ou na cidade e sobreviver, isso porque, de acordo com potiguara (2019), na cultura indígena a mulher é uma força da natureza, com a sabedoria de proteção.

> Com relação à cultura indígena, a mulher é uma fonte de energias, é intuição, é a mulher selvagem não no sentido primitivo da palavra, mas selvagem como desprovida de vícios de uma sociedade dominante, uma mulher sutil, uma mulher primeira, um espírito em harmonia, uma mulher intuitiva em evolução para com sua sociedade e para com o bem-estar do planeta Terra. O poder dela é outro. Seu poder é o conhecimento passado através dos séculos e que está reprimido pela história. A mulher, intuitivamente, protege os seios e o

> ventre contra seu dominador e busca forças nos antepassados e nos espíritos da natureza para a sobrevivência da família. Todos esses aspectos foram mais preservados do que no homem. (Potiguara, 2019, p. 46).

Na quarta estrofe a autora traz duas reflexões importantes, a primeira é que: Kambeba (2020, p. 92), "Na cultura indígena que é rica e sagrada, encontra-se a beleza que o branco cobiçou", essa beleza está relacionada aos conhecimentos culturais indígenas, como o conhecimento sobre o látex extraído da seringueira, que foi roubado a autoria da descoberta ou as plantas que curam doenças, assim como a beleza das mulheres que foram estupradas e assassinadas pelos colonizadores, garimpeiros, entre outros. De acordo com Potiguara (2019, p. 97) "a cultura do respeito, a cultura de paz, a cultura da veneração à natureza e ao grande espírito, o Criador. É a cultura do respeito aos velhos(as), às crianças, aos mitos, às lendas de origem da vida".

Na outra estrofe a autora diz: "na luta por muitas vidas o preconceito é opressor", esse preconceito a Marcia Kambeba viveu na pele muitas vezes e por isso ela retrata em vários de seus poemas, como quando veio para a cidade e mandarem ela cortar o cabelo para poder trabalhar, ou chamando seus conhecimentos de incipientes para estar em um ambiente universitário quando ela passou no mestrado, entre outras situações que ela sempre conta em suas entrevistas.

Assim, várias mulheres e homens indígenas sofrem esse preconceito até hoje, por conta da desinformação, aqui encontramos mais um motivo para que serve a cultura indígena, para mostrar aos não-indígenas os costumes e crenças dos povos originários, para que as pessoas através do conhecimento possam passar a respeitá-los, confirmando isso ela fala: "conhecer a cultura do outro é respeitar sua vivência, conhecer a sua dor". Kambeba (2020, p. 92),

Na sexta estrofe ela enaltece a importância do tempo para a riqueza do conhecimento cultural indígena e não deve ser vendida: Kambeba (2020, p. 92), "nossa cultura vem de gerações e é família, não se prostitui e é espiritualizada, não quer maldade traz na alma o ser irmão e no peito a multiculturalidade". A cultura indígena vem dos conhecimentos passados de gerações em gerações, por meio da oralidade, com o propósito de proteger os conhecimentos dos seus povos apenas entre eles, tanto contada pelos mais velhos quanto resgatada pelos pajés e xamãs com a ligação espiritual com os ancestrais, então vendê-los seria destruir uma ligação harmoniosa com o passado, uma traição com os outros indígenas que morreram protegendo essas riquezas. Eles não querem fazer mal aos não-indígenas, apenas seguir com suas vidas sendo compreendidos e respeitados, já que eles conhecem a cultura do não-indígena e respeitam, uns entram contato e outros não se misturam, mas ambos respeitam a cultura do outro.

Em conclusão a autora diz que a cultura indígena serve para exista o sonho de um futuro em que os indígenas tenham amor e paz em suas vidas, um futuro que não tenha mais guerra, nem preconceito, nem violações, nem dor por perder os seus parentes, nem fome, muito menos o sentimento de medo o tempo todo.

Considerações Finais

O poema é uma das formas de resistir que os indígenas encontraram na sociedade, usar a escrita como arma é um posicionamento que contribui para mudanças

sem a necessidade de guerras, o ato de passar para as pessoas as condições vivenciadas pelos povos originários, por meio do poema, é pacifico e faz as pessoas refletirem sobre diversos estereótipos sobre os indígenas, como o estereótipo em que todo indígena é agressivo e perigoso. A maioria dos poemas indígenas trarão um caráter de manifesto, isto porque, quando não está relacionado a importância da natureza e dos conhecimentos ancestrais que tentam ser destruídos ou roubados pelos não indígenas, falam sobre a cultura milenar que deve ser protegida e os seus direitos de exercer seus costumes em qualquer lugar estabelecidos, por isso, apresenta um aspecto que deve ser discutido e reflexionado pelos não-indígenas para algumas vezes mudar e outras vezes apernas respeitar.A Marcia Kambeba é uma poeta ativista que apresenta em seus poemas de forma pedagógica as diversas temáticas da construção cultural indígena como a identidade, a natureza, a ancestralidade, as memórias e o manifesto, por meio de situações cotidianas do seu povo, ou situações que ela mesmo vivenciou em transformou em poema entre outros.

Os poemas analisados aqui neste trabalho “Margaridas” e “Pra que serve a cultura indígena”*,* fazem parte do capítulo Poemas manifesto do livro *O lugar do Saber Ancestral* e são capazes de dizer muito sobre as mulheres que lutam por seus direitos, sobre a importância da mulher para a cultura indígena, a luta que ultrapassa barreiras e vão das mulheres indígenas até as mulheres negras, brancas, mestiças e precisam ser expostas para que as pessoas compreendam toda dor e resistência que essas mulheres carregam, por isso, as mulheres são tão gloriosas e relevantes para o desenvolvimento cultural de um povo quanto a natureza que precisamos para sobreviver.

A cultura dos povos originários também é importante para que os novos indígenas que vão nascer conheçam a luta, a força e a resistência de seu povo e saibam que são capazes de enfrentar as dificuldades, a opressão e o preconceito, vencendo cotidianamente um passado de dor e sofrimento que ainda os atinge.Portanto, os poemas da Marcia Kambeba, que é uma das vozes indígenas que ecoam na literatura são de extrema relevância para a sociedade indígena e não-indígena.

Referências

AGOSTINHO, Jaime. A Lenda do Muiraquitã. **Ecoamazônia,** 2019. Disponível em: < https://www.ecoamazonia.org.br/2019/07/lenda-muiraquita/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

BORTULUCCE, V. B. O MANIFESTO COMO POÉTICA DA MODERNIDADE. **Literatura e Sociedade**, *[S. l.]*, v. 20, n. 21, p. 5-17, 2015. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i21p5-17. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/114486.> Acesso em: 18 mar. 2023.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira;

DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Julie. **A Literatura e o Ativismo Indígena** – Entrevista com Márcia Kambeba. Acrobata: Literatura artes visuais e outros desequilíbrios, 2020. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/entrevista/a-literatura-e-o-ativismo-indigena-entrevista-com-marcia-kambeba/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

GRAÚNA, Graça (2013). Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza.

MOTTA, Cláudia. Marcha das Margaridas: ato virtual marca 20 anos de mobilização nesta quarta (12). **Brasil de fato 20 anos**: uma visão popular do Brasil e do mundo. Disponível em: < https://www.brasildefato.com.br/2020/08/12/marcha-das-margaridas-ato-virtual-marca-20-anos-de-mobilizacao-nesta-quarta-12>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

MUIRAQUITÃ. **Portal Amazônia:** Amazônia de A a Z, 2018. Disponível em: < https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-m/muiraquita >. Acesso em: 15 de março de 2023.

POTIGUARA, Eliana. **Metade cara, metade máscara** / Eliane Potiguara. Rio de Janeiro, RJ – 3º Edição revisada – Grumin, 2019.
Sindicato dos Professores no DF. **SimproCidadão**, 2011. Disponível em: < https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2011/08/sinpro-cidadao_n-19_agosto-2011.pdf >. Acesso em: 12 de março de 2023.